

**LÁBIA E TARIFA DE EMBARQUE: VIAGENS HÍBRIDAS E LUTAS
CULTURAIS NA POÉTICA SALOMONIANA**

Antonio Brito de Souza Junior¹

Resumo

O artigo aborda as formações híbridas que emergem a partir da linguagem, especificamente em duas obras: Lábia e Tarifa de Embarque, ambas de Waly Salomão. Essas formações híbridas têm sua substância marcada pela luta cultural, pelo jogo das diferenças e identidades que circulam no bojo do signo poético. Elas são também consequência das complexas relações de ordem vária pelas quais circula o poeta.

1. Antonio Brito de Souza Junior é mestrando em Cultura e Sociedade pela UFBA e professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano-Campus Santa Inês. E-mail brito.sou@gmail.com



1. Introdução

Nesse artigo procurarei tecer uma teia de considerações cujos fios se estenderão entre ideias de cultura, de identidades, dos estudos culturais, das culturas híbridas e o signo poético. A teia como rede de signos deverá ser transparente, flexível e móvel. A princípio o sujeito que a compõe sabe da heterogeneidade, da diversidade de sua substância. Ele mesmo como ser da linguagem não deixa visível o ponto de partida ou de chegada, às vezes vê (con)fundidas teoria e poesia. Mas, óbvio, um artigo como esse tem como objetivo – não só comparar, não só considerar, não só atestar – mas também fundir, juntar, misturar, problematizar. Por isso sente sussurrar, sibilando, na poética salomoniana, as vozes das “Culturas híbridas” de Canclini, da “Diáspora” de Hall, da “Cultura y sociedad” de Willians, dos “Documentos de identidade” de Tomaz Tadeu da Silva, dos “Padrões de cultura” de Benedict e de muitas outras vozes. É possível sentir assim uma dinâmica pedagógica da linguagem poética: o poeta “quer” educar para o multiculturalismo pluralista. A palavra fala aos nosso inconsciente, busca estruturas fixas de pensamento para desconstruir, para libertar. É um jogo., duro jogo de poder.

2. Hibridismos e lutas culturais

POLINIZAÇÕES CRUZADAS

Polinizações cruzadas entre o lido e o vivido. Entre a espontaneidade coloquial e o estranhamento pensado. Entre a confissão e o jogo. Entre o vivenciado e o inventado. Entre o propósito e o instinto. Entre a demiúrgica lábia e as camadas superpostas do refletido.

Imbróglío d’álgebra e jogo de azar.

Fria serenidade e fúria de touro em câmara escura.

Choque de besouro contra a vidraça. Entre.

Procura do ponto de liga alquímica: amálgama de **oral** (reino da mente veloz em presença, do imediato, das súbitas vozes intervenientes, do espírito em chamas, do estalo de “Vieira”, das línguas de fogo em reprise do Pentecostes ao vivo?) e de **escrito** (reino do adiamento, do racalque, do mediato, do procrastinado, da letra morta *in vitro*).

Entre o ponto e o poroso.

Entre: a coleção **na corda bamba** da ponte pênsil.

Entre: nas brechas em que lacuna vira cesura, cadência e, quem sabe, ligação.

Resolvi começar por este poema. É um dos últimos do livro “Lábia” que me proponho a estudar. Sua forma é dúbia. Está entre a prosa e a poesia. Escolhi-o, talvez, porque seja uma síntese do que disse, do que não disse ou do que venha a dizer. A

leitura desse poema remete-me imediatamente a um trecho de Canclini quando ele estuda as questões interculturais na cidade de Tijuana, que fica entre o México e os EUA:

“[...]Já que vivem no meio, na ‘fenda entre dois mundos’, já que são ‘os que não fomos porque não mudamos, os que ainda não chegamos ou não sabemos onde chegar’, decidem assumir todas as identidades disponíveis: ‘Quando me perguntam por minha nacionalidade, ou identidade étnica, não consigo responder com uma palavra, pois minha ‘identidade’ já possui repertórios múltiplos: sou mexicano, mas também sou chicano e latino-americano. Na fronteira me chamam de ‘chilano’ ou de ‘mexiquillo’, na capital, de ‘pocho’ ou de ‘norteño’, e, na Europa, de ‘sudaca’. Os anglo-saxões me chamam de ‘hispanic’ ou de ‘latinou’ e os alemães me confundiram em mais de uma ocasião com turco ou italiano.” (CANCLINI, p.324)

Embora estejamos diante de dois territórios com suas respectivas especificidades (de um lado o poético e do outro, o social/geográfico), existem alguns pontos em comum. Embora desenvolvam discursos simbólicos de diferentes níveis, a intenção parece ser a mesma: demonstrar o entrelugar, o ambiente de fusão intercultural, o híbrido. Eles nos servem de mote ao que iremos desenvolver adiante.

Estamos diante de “todas as identidades disponíveis”. Talvez fosse melhor falarmos na assunção de todas, ou quase todas, diferenças possíveis. O que temos então é a confissão de um povo, o povo de Tijuana, e de um poeta/artista, Wally Salomão. Ambas, notadamente (in)definidas pela fricção, pelo deslizamento, pelo desencaixe, em suma pelo hibridismo. Ambos não se veem num território assaz (de)limitado, uno. São o amálgama de várias identidades.

Na poesia de Wally, parecem caber todos os binarismos fundidos e transfundidos em híbridos da linguagem poética. Tudo conflui e reflui sob novas “formas”: teórico/prático; razão/paixão; popular/elite; certo/incerto; oral/escrita. Todos penetram o signo, polinizam-se, fertilizam-se, cruzam-se. Suas palavras simbolizam a cultura do inclassificável. Vejamos um exemplo claro desse fato nesse mesmo poema. Quem se arriscaria a classificar o signo “entre”. É verbo?! É preposição?! Não há identidade fixa, mas movente. Esse estado de movência é algo recorrente nas obras em foco e principalmente no poema analisado aqui. Vários outros elementos o comprovam. O poema não se define no campo da prosa ou do verso. As marcas textuais da prosa, como o hífen dos “versos” 1 e 10, friccionam-se com as da poesia. O título do poema, assim como de todos os outros das obras em foco, são escritos em caixa alta, como nos títulos das manchetes de jornais, o que comprova uma outra forma de fricção, a da linguagem jornalística e da linguagem poética. Além disso, no próprio título do poema, o poeta já anuncia uma mistura entre ciência e poesia. O poeta-camaleão² quer

2. Essa imagem veio-me depois de muito imaginar a imagem presente na sobrecapa do livro Lábia. Nela o poeta aparece esgueirando-se sobre o tronco de uma árvore.

evidenciar tais jogos e nos convida a entrar nessa zona de tensão constante. É muito oportuno retomar aqui as palavras de Tomás Tadeu da Silva: “Mais interessantes, entretanto, são os movimentos que conspiram para complicar e subverter a identidade. A teoria cultural contemporânea tem destacado alguns desses movimentos” (SILVA, p.86)

Não só a teoria cultural contemporânea, mas também uma parte da poesia contemporânea, e em especial a que estamos estudando, tende a evidenciar aqueles movimentos. O poeta vai desconstruindo os binarismos, usando os signos da lábria e da tarifa, como objeto simbólico do capital. Objetivo similar teve Raymond Williams, ao utilizar-se dos signos das ciências sociais, ao longo de sua obra teórica:

“O discurso de William vai, ao longo de sua obra, desmontando essa dicotomia entre cultura e civilização e suas oposições correlatas entre mundo espiritual e material, criatividade e mecanicismo, grande arte e vida ordinária. Sua obra pretende superar as dicotomias estruturantes da oposição da tradição de cultura e sociedade.”(CEVASCO, p.22)

Entretanto, não tomemos aqui hibridismo como sinônimo de harmonia. Ele se desenvolve num campo de conflito político-cultural, num dado momento histórico em que “o foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais.”(CEVASCO, p.24).

O signo poético salomoniano está nessa zona de tensão entre o-que-é, o-que-não-é e o-que-aparenta-ser. Nesse sentido a poesia, como um bem simbólico da cultura, confessa-se nas vozes intervenientes de poetas de diversos tempos e lugares:

TARIFA DE EMBARQUE

Sou sírio. O que é que te assombra,
Estrangeiro, se o mundo é a pátria em
Que todos vivemos, paridos pelo caos
-Meleagro de Gádara, 100 a.C.

Ao recortar o poema de Meleagro de Gádara, em forma de epigrama, Wally sintetiza com agudeza um daqueles movimentos citados por Tomás Tadeu da Silva: o hibridismo. Reforça esse fato a (con) fusão de vozes imanes da carga poética do texto. Na verdade, o que se pode interrogar, nesse sentido, é quanto ao emissor da mensagem. Afinal quem está falando? Wally Salomão? Meneagro de Gádara? Nós, leitores? Ou todos falam juntos e ao mesmo tempo? Penso que essas são questões que podem ser esclarecidas ao aplicarmos algumas categorias e definições sobre a performance, a recepção e a leitura apresentadas por Paul Zumthor :

“O que produz a concretização de um texto dotado de uma carga poética são, indissolivelmente ligadas aos efeitos semânticos, as transformações do próprio leitor, transformações percebidas em geral como emoção, mas que manifestam uma vibração fisiológica.[...] O texto vibra; o leitor o estabiliza, integrando-o àquilo que é ele próprio. Então é ele que vibra, de corpo e alma” (ZUMTHOR, p.53)

O texto vibra na catarse que Waly fizera ao ler Meleagro de Gádara. A definição de leitura passa a ter, assim, um papel fundamental para o que afirmo sobre o hibridismo acima exposto. Ainda segundo Paul Zumthor:

“...porque ela é encontro e confronto pessoal, a leitura é diálogo. A ‘compreensão que ela opera é fundamentalmente dialógica; meu corpo reage à materialidade do objeto, minha voz se mistura, virtualmente à sua. Daí o ‘prazer do texto’; desse texto ao qual eu confiro, por um instante, o dom de todos os poderes que chamo *eu*” (ZUMTHOR, p.63)

Waly, no entanto, fôra um pouco mais além de sua condição de leitor. Ele pareceu querer que seu leitor também passasse a vibrar com um texto poético com o qual se identificara ao ponto de transcrevê-lo. Isso se deu é claro à medida que o poeta lera antes Meleagro para posteriormente recortar e colar no seu livro trecho de um poema desse poeta grego. Assim, dá-se a citação que, no dizer de Campagnon, é contato, fricção, corpo a corpo. É o que o mesmo autor decresceverá mais adiante como bricolagem:

“Bricoleur, o autor trabalha com o que encontra, monta com alfinetes, ajusta; é uma costureirinha. Como Robinson perdido em sua ilha, ele tenta tomar posse dela, reconstruindo-a com os despojos de um naufrágio ou de uma cultura” (COMPAGNON, p.39)

O poeta Salomão (con)funde leitura, escrita, citação. Convém transcrever aqui o que pensa Campagnon sobre esses processos:

“Escrever pois é sempre reescrever, não difere de citar. A citação, graças à confusão metonímica a que preside, é leitura e escrita, une o ato de leitura ao de escrita. Ler ou escrever é realizar um ato de citação. A citação representa a prática primeira do texto, o fundamento da leitura e da escrita: citar é repetir o gesto arcaico do recortar-colar, a experiência original do papel, antes que ele seja a superfície de inscrição da letra, o suporte do texto manuscrito ou impresso, uma forma de significação e da comunicação lingüística” (COMPAGNON, p.41)

O sujeito que emite o discurso, apesar de deixar claro sua posição de sujeito e a posição do outro(estrangeiro), interpreta o sentido do humano, da condição humana, profundamente marcada pela diferença, mas também pelo o que há de comum: todos mergulhados no mundo das culturas com o qual se vive um novo nascimento, conforme os contatos com os mais diversos modos de vida e coisas. Assim, Meleagro da Gádara antecipou, de certo modo, o que afirma Ianni:

“As sociedades contemporâneas, a despeito de suas diversidades e tensões internas e externas estão articuladas numa sociedade global. Uma sociedade global no sentido de que compreende relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, ainda que operando de modo desigual e contraditório” (IANNI, p.39)

O conjunto de signos desse poema leva-me a crer num tom de quase luta entre duas culturas que tentam se estabelecer. O sírio e o estrangeiro implicitamente encontram-se numa demanda identitária. O sírio tem o outro como o estranho; o estrangeiro tem o sírio como o abjeto, a ponto de lhe causar o assombro. A mesma voz poética que separa é aquela mesma que confessa o processo de hibridização/mistura, de fusão, de caos. Desse modo, a voz do sírio procura também dissolver a discriminação. Nessa mesma esteira, embora de uma forma teórica, Tomaz Tadeu da Silva esclarece o papel político do hibridismo:

“O hibridismo, por exemplo, tem sido analisado, sobretudo, em relação com o processo de produção das identidades nacionais, raciais e étnicas. Na perspectiva de teoria cultural contemporânea, o hibridismo – a mistura, a junção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças – coloca em cheque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. O processo de hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas. A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas”(SILVA, p.87)

A linguagem, e aqui em especial a linguagem poética, que teatraliza um diálogo em forma de poema, logo um objeto artístico cujo poder simbólico ocupa um lugar no mundo da cultura, requer um tratamento diferenciado, já que um signo representa algo diferente a outros objetos de referências. Porém, a interação das representações nasce da fricção entre os seres. Ora assim posta, a voz do sírio é parte de, se não de uma interlocução, pelo menos de um contado, de uma relação social. São dois seres que se friccionam, duas atitudes socialmente construídas. Duas culturas diferentes debateram-se, chocaram-se. A consequência disso está na resposta do sírio, iniciada pelo verbo ser cuja importância já fora destacada por Michel Foucault:

“A essência inteira da linguagem se concentra nessa palavra singular. Sem ela tudo teria permanecido silencioso, e os homens, como alguns animais, poderiam certamente fazer uso de sua voz, mas nenhum desses gritos lançados na floresta jamais teria articulado a grande cadeia da linguagem”(FOUCAULT, p.131)

Escolhi, primeiramente, esses dois poemas para corroborar a estreita relação entre os dois livros de Wally Salomão: *Lábia* e *Tarifa de Embarque*. Um e outro poema referenciam o tema da hibridação. O primeiro o faz de forma mais “individualizante”; o segundo, mais coletivamente. São poemas que julguei, desse modo, balizadores da questão em debate.

Lábia e *Tarifa de Embarque* são artefatos culturais produzidos por um artista, o poeta. Como leitor, busco as pontes de significação que possam ligar um ao outro. O primeiro nos remete, logo pelo título, a uma viagem metalingüística: o poeta-camaleão fala de sua própria produção poética e da condição do poeta. No segundo, prevalece o sentido de viagem como metáfora, a começar pelo próprio título que nos leva a construir toda uma cena referente a deslocamento. O poeta e sua poesia se deslocaram por muitos lugares ao longo do desenvolvimento da humanidade. Do poeta sem território, expulso da República, ao poeta multiterritorializado do século XXI, ele esteve sempre se deslocando. Durante esses trânsitos ele/homem sempre fora um ser social, pertencente ao seu tempo e como tal o vivencia, interagindo com diferentes criaturas e territórios. Sobre semelhante experimentação assim se reporta Haesbaert(2005, p.6783):

“A existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível

individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma multiterritorialidade”.

Talvez numa tentativa de compreender seu tempo e espaço, através de sua poesia como tessitura do seu próprio território rede, o poeta parte numa viagem que nos apresenta muito caótica, que o leva e leva o leitor a muitos lugares, a múltiplos territórios. Nessa viagem transita por espaços tão distantes e tão próximos, como revelam os versos do poema “CÂNTICOS DOS CÂNTICOS DE SALOMÃO” do qual destacamos os seguintes:

.....
Sou a sede de um rio corrente caçando o SAL do oceano ardente

SENEGAL
MADAGASCAR
HONGKONG
MÁLAGA
RIO DE JANEIRO
VALPARAÍSO
WALY SALUT AU MONDE
-Imã 1985

Reforçam essa ideia de trânsito, de viagem, de contatos as imbricações morfossemânticas e ambigüidade gráfico-fônica desses versos: NADA ABARCO, NADA APERTO./TUDO APERTO E NADA ABARCO. É possível notar como o poeta sutilmente sugere aquelas ideias através, mais uma vez, de palavras ambíguas. “NADA” tanto pode ser visto como um pronome quanto como o imperativo afirmativo do verbo “nadar” ; “ABARCO” contém, por seu turno, a palavra “barco” que tem forte poder semântico não só no poema, mas no conjunto da obra em foco.

Além de percorrer aquelas longas distâncias, o poeta transita também por seu território plural que compreende sua “cidade natal”, os bairros, a loja Samira, as ruas da infância, habitadas por criaturas como loucos, parteiras, ternos de rei, esmoles. Provam isso os versos do poema JANELA DE MARINETTI.

O poeta Waly Salomão elabora as duas obras em estudo passando constantemente pela temática do hibridismo e o faz com muita perícia estética. Sendo assim, precisamos ter sempre em vista que estamos tratando de linguagem poética cujo elemento principal é a palavra. O signo é algo ideologizado. Ele é articulado por um sujeito historicamente construído. Assim é o poeta, alguém que produz um objeto artístico. Alguém que pertence ao mundo da arte. Um ser cuja razão e a inspiração produziu os poemas. Criador cuja coragem sobrevive às vicissitudes de um tempo cheio de incongruências e descaso para com ele e sua poesia. O tema da produção poética foi muito bem analisado por Antonio Brasileiro:

“mas há também o outro lado da moeda: a coragem do autor. Falar-se em arte da linguagem não implica um desmerecimento da ‘linguagem’, dado que aponta: pelo contrário, enaltece-se este meio dado ao homem para a compreensão do mundo. Ser homem, dir-se-á, é ter linguagem. Os percalços da linguagem poética – som e sentido-, tão grandes quando contrapostos a outras artes, não são senão a prova dessa luta do homem a construir-se. Ter linguagem é na, verdade, ser linguagem. Daí a excelência do ato poético: a mais elaborada forma de linguagem quer-se elaborada da forma mais perfeita.”(BRASILEIRO, P.78)

Estamos falando de vários poemas de um mesmo poeta. São poemas forjados por um sujeito e sua posição imersos no final do século XX. Esse tempo corresponde ao ápice da desregulamentação dos mercados nacionais, aos sucessivos frenesis nas bolsas de valores, à expansão do neoliberalismo, ao dinamismo das mídias digitais, às economias fragilizadas de muitos países da América Latina, a um esboçar de reações políticas da nova esquerda, a um Brasil privatizado e mergulhado numa dívida astronômica com o FMI, ao avanço do EUA sobre o Oriente Médio, à construção de um estado-mundo, ao avanço dos Estudos culturais e da importância da cultura, aos corpos biocibernéticos e à estética da remixabilidade. Devido a essa complexa convergência de fatos de ordem vária, o hibridismo atinja pontos elevados. Santaella nos apresenta uma interpretação bastante lúcida sobre essas relações culturais e o nosso tempo:

“Embora cada tipo de formação cultural tenha traços específicos, quando surge uma formação cultural nova ela não leva a anterior ao desaparecimento. Pelo contrário, elas se mesclam, interpenetram-se. A cultura escrita não levou a oral ao desaparecimento, a cultura das mídias não levou a cultura de massas ao desaparecimento, as novas tecnologias da inteligência não diminuem a importância das precedentes, a escrita e a imprensa. Pelo contrário, a internet depende da escrita, ao passo que o inverso não é verdadeiro. Assim, Todas as formas de cultura, desde a cultura oral até a cibercultura hoje coexistem, convivem e sincronizam-se na constituição de uma trama cultural hipercomplexa e híbrida”(SANTAELLA, p.128)

A estrutura de pensamento do poeta está banhada pela complexidade de seu tempo e dela emerge o signo poético. Ele é parte desse mercado cultural na América Latina. Seu livro além de ser um objeto artístico, foi reproduzido em várias tiragens e comprado por mim numa livraria, para um consumo crítico num circuito comercial também muito complexo. Seu objeto viaja nesse circuito e pertence a essa cultura e sociedade. Dessa forma: “Quanto mais desenvolvido é o nível de cultura cuja arte estamos examinando, mais complexa é a rede de relações e mais obscuro o background social em que elas se inscrevem”(HAUSER, p.23)

Por isso não basta apenas uma ferramenta para analisar a poética salominaiana. Por ser multidisciplinar e interdisciplinar, já que híbrida, requiro aos Estudos Culturais e seus aportes para tentar mergulhar em seus muitos sentidos. O poeta parte para uma viagem (in)certa. O poeta lança redes a tantas direções possíveis para fisgar tanto quantos binarismos existam nas culturas. Ao fisgá-los vai desconstruindo e construindo nova rede de palavras. Essa nova rede muitas vezes é o resultado da mistura do discurso subalterno ao discurso da elite. Talvez o poeta tenha sentido sentimento similar

ao do chefe dos índios Digger, descrito por Benedict, ao narrar suas tradições metaforizadas no vaso da vida e a perda dela:

“O nosso vaso quebrou-se. Aquilo que tinha atribuído significado à vida do seu povo, os rituais domésticos de tomarem os alimentos, as obrigações do sistema econômico, a sucessão das cerimônias nas aldeias, o estado de possessores na dança do urso, os padrões do bem e do mal – tudo desaparecera, e com isso a forma e o significado da sua vida. O velho continuava vigoroso e continuava a ser quem orientava as relações dos seus com os brancos. Não queria ele dizer, com aquele modo de se exprimir, que se trata de qualquer coisa como a extinção de seu povo. Mas no seu espírito havia como que a consciência da perda de qualquer coisa que tinha o valor igual ao da própria vida.”(BENEDICT, p. 22)

No entanto, a percepção das mudanças das tradições não significou para o poeta o fim das mesmas, mas a possibilidade de recomposição, de adaptação, de cruzamento, de reajuste à nova condição do poeta e da poesia na pós-modernidade. É possível que os movimentos migratórios do avô do poeta, do pai do poeta, da Síria para o Brasil e das próprias viagens empreendidas por ele tenham impactado simbolicamente na sua formação cultural ao ponto de lhe despertar o desejo de recompor os vasos. Quiçá a atitude de olhar as imagens da Síria no interior da loja do pai tenha interferido em sua identidade brasileira. São conjecturas plausíveis que podem nos levar a crer na necessidade dessa linguagem poética ir recompondo por meio de remixagem, colagens, citações, hibridismos. Talvez tantos contatos facilitados pelas viagens mundo a fora tenha-lhe suscitado o desencaixe de padrões, até de sua própria língua, como acontece no último verso do poema “Cânticos dos cânticos de Salomão”: “WALLY SALUT AU MOND”. Esse poema, vale frisar, é uma síntese de tantas viagens desse sujeito poético, desse viajante pós-moderno. Sobre os viajantes pós modernos Guacira faz uma caracterização muito pertinente:

“Viagens são, geralmente, associadas a trânsito, movimento, turismo, e também sugerem migração, evasão, fuga, exílio.[...] Enquanto realiza essa viagem exterior, o herói, tradicionalmente, empreende também uma espécie de viagem interior, descobrindo-se e formando seu caráter e sua consciência.[...] O fato é que, de um modo ou de outro, ao se deslocarem, os sujeitos se transformam.”(LOURO, p.204)

É necessário captar e reafirmar uma possível função dessas viagens híbridas salomonianas. A leitura desses poemas causa um estremecimento na mentalidade do leitor à medida que se choca com os padrões homogeneizantes impostos pelo poder econômico neoliberal sobre os povos do mundo. Sabemos a contínua interferência que tiveram as idéias econômicas uniformizadoras na política e na economia brasileira, sobretudo nos anos em que foram produzidos esses dois livros de Wally Salomão. O poeta apresenta essas ideias emaranhadas na zona de tensão onde habitam as forças em disputa e de onde surgem as formas híbridas. Essa zona é a linguagem poética revista sob o signo da mistura, do encontro, no múltiplo. Intencionalmente ou não a poética salomonina desconstrói a colonização do futuro quando rompe com tantos binarismos, instaurando os hibridismos. Eduardo Leal Cunha nos diz que:

“...a expressão colonização do futuro, não é causal, não deve passar despercebida se acreditamos, como propõe, por exemplo, Homi Bhabha e Stuart Hall, que o modelo colonial será sempre, em primeiro lugar, um modelo de dominação e subjugação do outro que implica o aprisionamento em uma lógica binária, articulada a oposições centrais no pensamento ocidental: natureza/cultura; dominador/dominado; interno/externo; homem/mulher.”(CUNHA, p.35)

Mas como se dá essa desconstrução em Lábia e Tarifa de Embarque? Esse é um questionamento cuja resposta encontra-se sob duas formas que têm apenas uma função. A primeira forma é o próprio hibridismo; a segunda, a reiteração performática desse hibridismo com novas e inusitadas significações. A impressão que se tem é que o poeta busca jogar com as mesmas “armas” da indústria cultural e da elite, embora com propósitos bem diferentes. Exemplo disso é como ele apresenta o hibridismo entre arte e mercadoria no poema “REMIX ‘SÉCULO VINTE’”:

Armazém um tabuleiro

de Palavras-Souvenirs

Apanhe e leve algumas palavras como

Souvenirs.

Faça você mesmo seu microtabuleiro

Enquanto jogo lingüístico.

É possível perceber a estreita relação semântica da palavra como mercadoria representativa da memória na justaposição “Palavras-Souvenirs” e também na idéia de comercialização transmitida pela palavra “tabuleiro”. Outro elemento importante, revelador daquele hibridismo, é a própria dicção do poema. A impressão fônica que se tem é de se estar ouvindo a voz de um vendedor ambulante, numa daqueles agitados centros comerciais das metrópoles brasileiras. Enumera, então, um conjunto de palavras que ora representam coisas, ora movimentos culturais, históricos, grupos políticos etc, como se todos eles fizessem parte daquele tabuleiro, como mercadorias atritadas no todo do tabuleiro cultural. O título do poema constitui a síntese desse processo cultural que atingiu seu ápice no século XX. Assim advertiu Santaella sobre esse fenômeno: “Todas as práticas de *remix* têm suas bases na hibridização cultural, que é a grande tônica do presente”(2007, p.269).

Há um relato bastante lúcido feito por Francisco Alambert com respeito ao significado da arte como mercadoria. Nesse pequeno texto, o teórico faz um resumo do papel da arte, partindo da Antiguidade Clássica até chegar à idade contemporânea. Destaco aqui o seguinte trecho:

“Na sociedade contemporânea, a **arte**(autônoma e sem aura), deixou de ser apenas uma mercadoria tradicional, de compra e venda, e tornou-se ela mesma uma força produtiva para a reprodução do capital – tecnicamente administrada para este fim.”(ALAMBERT, p.410)

Esse é um fato comprobatório de que o discurso poético, por ser um artefato, compreende, assim como a palavra cultura, “uma tensão de fazer e ser feito” (EAGLITON, p15). Assim a idéia de cultura na poética salomoniana é a de mistura,

Embora não possa afirmar que o poeta tenha lido essas teses e muito menos que os estudos de Cuche foram direcionados para o discurso salomoniano, posso dizer que o pensamento de Cuche é bem semelhante à idéia de Waly Salomão. Assim se reporta o teórico: “A realidade é bem mais complexa do que é apresentado por essas duas teses extremas”(CUCHE, p.148).

Há nesse trecho da entrevista um evidente posicionamento ideológico do poeta. Põe no caldeirão da mistura a “cultura dominada” e a “cultura dominante”, ao afirmar que temos que fazer o corpo inteiro da cultura esplender. Ao citar o mito de Procusto, ele nega aquela velha exclusão da cultura popular. Considera-a parte desse todo, tão importante quanto às outras partes. O poeta revela o desejo de fazer a fala e as coisas do povo reverberarem em confluência com a dita “cultura de elite”. Em seu texto, Edilene Matos posiciona-se sobre a cultura popular e os intelectuais da seguinte forma: “A descoberta da cultura popular pelos intelectuais marcou a virada do século XVIII para o XIX. Neste período, o número de publicações em torno dos costumes e saberes do povo sofreu grande aumento...” (2010,p.3)

Nessa mesma esteira, ao tratar da relação existente entre indústria, democracia, classe, arte e cultura, entre os séculos XVIII e XIX, Raymond Williams compõe uma descrição do artista romântico. Essa descrição pode nos servir como analogia ao papel do poeta pós-moderno Wally Salomão, claro, resguardadas as devidas posições de sujeito/artista de cada época:

“Entretanto, como una espécie de seguro contra los vestígios de La disociación, tal vez sea útil acordarnos de que Wordsworth escribió panfletos políticos, que Bake era amigo de Tom Paine y fue juzgado por sedición, que Coleridge escribió periodismo político y filosofía social, que Shelley, además de hacer esto, repartía panfletos en las calles, que Southey fue un comentarista político permanente, que Bayron habló sobre los disturbios estructurales y murió como voluntario en una guerra política; y, además, como seguramente debe resultar obvio por La poesía de todos los mencionados, que estas actividades no fueron ni marginales ni ocasionales, sino que estaban esencialmente relacionadas con una gran parte de La experiencia a partir de la cual se hacía esa misma poesía.”(WILLIAMS, p.41)

Essas atitudes dos poetas, imersos nas tragédias de sua época, ajudam-nos a compreender o papel que a cultura ou as culturas ocupam na obra de Wally Salomão e como a poesia desse poeta ajuda-nos a compreender questões culturais e mesmo os estudos que avançaram bastante a partir da segunda metade do século XX.

3. CONCLUSÃO

Ao analisar poemas de Waly Salomão contidos em Lábria e Tarifa de Embarque, pude perceber sua estreita relação com os Estudos Culturais no que tange a questões de identidade, multiculturalismo e ascensão da cultura popular.

Waly Salomão como poeta/agitador cultural do seu tempo, parece ter sentido e compreendido o que se passava no mundo. Transmite esse sentimento em discurso simbólico através da linguagem poética. Essa sensibilidade encena-se num conjunto de poemas que remetem à condição humana contemporânea, principalmente a condição de viajante num tempo-espaço comprimidos pelas novas tecnologias.

Os contatos, as fricções, os deslizamentos e deslocamentos na existência humana embrenharam-se na poética salomoniana na forma de hibridismos entre arte/mercadoria; cultura de elite/cultura popular; homem/mulher; oral/escrito. Todos eles reveladores das guerras travadas no campo da cultura pela poesia e pelo próprio poeta.

LÁBIA AND TARIFA DE EMBARQUE: HYBRIDS TRAVEL AND CULTURAL STRUGGLES IN THE POETRY SALOMONIANA

Abstract

The article discusses the hybrid formations that emerge from the language, specifically in two works. These two books were written by Waly Salomão. These formations hybrid has substance marked by cultural struggle, the play of difference and identities in the midst of moving sign poético. Elas are also a consequence of the complex realações in which the poet is inserted

BIBLIOGRAFIA

- ALAMBERT, Francisco. *Arte como mercadoria*. In: WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave.um vocabulário de cultura e sociedade*. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007
- BENEDICT, Ruth. *Padrões de Cultura*. Tradução de Alberto Candeias. LBL Encicopédias Lisboa, 1980
- BRASILEIRO, Antonio. *Da inutilidade da poesia*. Salvador: EDUFBA, 2002
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2008
- CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. Editora Boitempo
- COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996
- CUCHE, Denys, *A noção de cultura nas ciencias sociais*. 2ª. Ed. (trad. Viviane Ribeiro) Bauru: Edusc, 2002.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução Sandra Castelo Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- EDILENE, Dias Matos. *Cultura popular: reflexão*. Salvador. Edição UFBA, 2010

- FOUCAULT, Michel. *Aspalavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HAESBAERT, R. 2005. *Da desterritorialização à multiterritorialidade*. Anais do X congresso brasileiro de Geógrafos da América Latina. USP
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- HAUSER, Arnold. *História Social da arte e da literatura*. Tradução Alvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- IANNI, Octavio. *A sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. *Viajantes pós-modernos*
- SALOMÃO, Waly. *Tarifa de embarque*. Rio de Janeiro Rocco. 2000
- SALOMÃO, Waly. *Lábia*. Rio de Janeiro: Rocco. 1998
- SALOMÃO, Waly. *Entrevista concedida a Heloísa Buarque de Holanda*, fev.2003. Disponível em : www.heloisabuarquedeholland.com.br
- SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo, Paulus, 2007
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. 9.ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2009
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura y socieade*. 1.ed. –Buenos Aires: Nueva Visión, 2001